

# Eduardo Ferro Rodrigues

Assim vejo  
a minha vida

Memórias



*Dedicado a*

*Mena*

*Marieta e Eduardo*

*Sofia, Rita e João*

*Netas, netos e bisneto*

*Paulo*

*Amigas e amigos sempre presentes*

*Familiares amigos*

*Camaradas amigos*

«Vivemos todos, neste mundo, a bordo de um navio saído de um porto que desconhecemos para um porto que ignoramos; devemos ter, uns para os outros, uma amabilidade de viagem.»

*Livro do Desassossego*, BERNARDO SOARES

# ÍNDICE

I	DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA	15
	Gonçalves Crespo	17
	Lycée Français Charles Lepierre (LFCL)	51
	Sporting Clube de Portugal	63
II	O PRINCÍPIO DE TUDO	67
	Viagens pela Europa (liberdade)	69
	Económicas	75
	O fascínio da rádio	89
	Sindicatos	95
	GEBEI (Grupo de Estudos Básicos de Economia Industrial)	99
	ISCTE	105
III	TEMPOS DE REBELDIA	109
	Caxias	111
	25 de Abril	117
	MES e PREC: o fim da ilusão	121

IV	AFIRMAÇÃO POLÍTICA	139
	Partido Socialista	141
	Ministério da Solidariedade e da Segurança Social	157
	Rato — Secretário-Geral do PS	169
V	PARIS	189
	OCDE	191
VI	REGRESSO	211
	De volta a Lisboa	213
	Presidente do Parlamento — Primeira Legislatura (a geringonça)	221
	Presidente do Parlamento — Segunda Legislatura (a pandemia)	249
	Oito secretários-gerais do PS	275
	Celebrações	289
VII	REFLEXÕES	301
	Algo de estranho paira no ar	303
	Novas rotinas	311
	O dever de contar	317
	Pelo renascimento de ideologias	329
	Defender Portugal e a democracia	351
	AGRADECIMENTOS	361
	ÍNDICE ONOMÁSTICO	363

«Tristeza não tem fim, felicidade sim.» Aqui está uma máxima que sempre compreendi e assumi mesmo nos melhores momentos da minha vida de criança privilegiada, adolescente realizado, pré-adulto com manias da superioridade intelectual, homem cumprido, combatente às vezes vitorioso, noutras derrotado. Na vida quotidiana, na política, na atividade profissional, no amor, no futebol, sempre esta frase me definiu. E, no entanto, sempre tentei afastá-la...

# I DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

«Era pela janela que se ouvia Lisboa, era pela janela que chegava *O Século*, era pela janela que atirávamos através de canudos projéteis de papel, era pela janela que a Naninhas namorava com o João Manuel como anos antes a Marieta e o Eduardo tinham feito.»



# Gonçalves Crespo

«À direita, no n.º 16, segundo esquerdo,  
nasci eu.»

Lisboa. Quem sobe o Conde Redondo e antes de chegar à Gomes Freire — conhecida antigamente pelo elétrico que circulava a partir da Estrela, e agora pela sede da Polícia Judiciária — encontra a Gonçalves Crespo, à esquerda e à direita. À direita, no n.º 16, segundo esquerdo, nasci eu, no dia 3 de novembro. Em 1949 ainda era frequente as mães terem os filhos em casa, e foi o que aconteceu, com a ajuda e apoio de uma senhora enfermeira parteira, a D. Eugénia, mãe de um meu amigo para a vida, o Carlos.

O Carlos, a mãe e o pai viviam na cave direita. Na cave esquerda vivia um sapateiro, que aí tinha a sua oficina — o Sr. Raul, dono de um cão grande, de nome *Charlot*, mas manso e pacato.

No rés do chão, que tinha um quintal à esquerda e outro à direita, viviam a família Machado (todos sportinguistas e trabalhadores na oficina de um deles), de um lado, e do outro a família do Dr. Ludgero Pinto Basto. No quintal dos Machado havia criação de animais, a par com um cesto de basquetebol. Do outro quintal só recordo um tanque da roupa. E com poucos meses de diferença vieram a nascer dois rapazes: o do rés do chão esquerdo chamou-se Ludgero, como o pai — mas, segundo se disse, estava para ser Eduardo. Só que o meu nascimento, dois meses antes,



atrapalhou a intenção de os três irmãos terem nomes começados por E, a exemplo do Ernani e do Eugénio. Separados por seis anos de diferença, os filhos do Dr. Ludgero e da D. Brízida, apesar do conhecido militantismo do pai, nasceram todos em dias santos: o meu amigo Ludgero no dia de Reis de 1950, os mais velhos no dia de Nossa Senhora de Fátima, 13 de maio, e no dia 8 de dezembro, de Nossa Senhora da Conceição.

Do primeiro andar pouco há a dizer — do lado esquerdo viviam um velho capitão do exército e a mulher, que de tempos a tempos batiam com a vassoura no teto, porque lhes caía água em casa quando exagerávamos nos banhos de imersão; do lado direito, a D. Maria José, muito reservada e solitária, e que, ouvi eu dizer, seria profundamente salazarista. O seu marido morreu em 1958, pouco tempo depois das presidenciais. Era no segundo esquerdo que eu vivia, com os meus pais, Marieta e Eduardo, a minha avó Zefa e, como então se dizia, uma criada — ou melhor, um verdadeiro elenco de criadas, pois o lugar vagava com uma certa frequência. (Até nos mudarmos para a Sant'Ana à Lapa, em 1964, mais de uma dúzia de «criadas» por ali passaram, se despediram ou foram despedidas — por incompetência ou má-criação — por vezes por direta iniciativa de Marieta, outras por queixas da avó Zefa.) Marieta e a sogra tinham um relacionamento difícil; ambas trabalhavam para o Estado, a primeira como funcionária pública nas áreas conexas com o curso que tirara (Escola Superior Colonial, antecessora do ISCSP), a segunda como professora primária, desde muito cedo tolhida por uma artrite reumatoide que tornava a subida e descida das escadas uma perigosa aventura. Seguia de táxi para o Lumiar, onde lecionava, e voltava no princípio da tarde da mesma forma. O meu pai vinha do Banco de Portugal no elétrico e chegava pouco antes de jantarmos todos; às vezes saía depois do jantar para escrever com Santos Fernando textos para a rádio ou para o teatro, letras de canções e mais tarde também peças na televisão. Destaco

*Outono na Cidade*, com voz de Max e orquestra dirigida por Jorge Costa Pinto:

Vento que traz nostalgia  
D'um amor perdido  
Nas ruas da vida,  
Sombras e melancolia,  
Um adeus sentido  
De mulher esquecida.  
Nas folhas da esperança  
Caídas sem dono  
Há passos de criança:  
É outono!

Outono na cidade  
Tem gosto de saudade:  
É terna despedida que não esquece,  
É doce melodia  
Que vem no fim do dia  
Que o Sol — bom e doirado — ainda aquece.

Cai a folha — folha nua —,  
Chuva d'ouro molhando a rua:  
Outono na cidade,  
Que fria claridade!  
Sorriso que desce da Lua!

Gente que corre apressada  
Na manhã brumosa,  
Sonolenta e fria;  
Vida que sonha acordada  
A canção formosa,  
Luz do meio-dia.

No azul infindo  
O povo bem sente  
O teu adeus, tão lindo,  
Sol poente!

Cai a folha — folha nua —,  
Chuva d'oiro molhando a rua:  
Outono na cidade,  
Que fria claridade!  
Sorriso que desce da Lua!

No segundo direito vivia o meu futuro tio, João Manuel, que, a exemplo do meu pai, uns anos antes, veio a namorar a vizinha do prédio da frente, casando-se em 1961 — Mariana, conhecida por Naninhas, assim se chamava a minha futura tia. João Manuel vivia com o pai e a mãe, e ainda com uma afilhada destes, Maria João (da idade da Naninhas).

Protagonista dos mais inusitados episódios, o meu tio João Manuel merecia que lhe dedicasse um capítulo exclusivo. Amigo de infância e adolescência do meu pai, nasceu na Chamusca, fez tropa em Portalegre e durante a guerra não era pelos Aliados, o que causava sérias discussões com Eduardo. Era muito conhecido no Chiado, em especial na Brasileira, pelas situações que criava e lhe davam grande gozo. Conhecia pelo nome todos os loucos e loucas do Chiado — um a quem pedia para cantar os vários hinos nacionais que faziam parte do seu repertório; outra, uma florista negra, que um dia, quando Cunha Leão foi nomeado diretor-geral da Agência Ultramarina, ele foi buscar à rua, sentou-a na mesa e logo se ausentou, para estupefação do recém-nomeado. (Mais tarde, justificou-se dizendo que se tratara de uma deferência relativa ao cargo de que tinha tomado posse.) A Naninhas ainda agora conta como ficava aflita com os encontros na Rua Garrett com o cantador de hinos encantado e o público que se juntava.

Outro passatempo dele era ao sábado ir para Monsanto fingir-se de fotógrafo contratado para casamentos e não descansar enquanto não pusesse toda a gente ao sol à espera, para de repente se evaporar. Só assentou profissionalmente quando se empregou nos Nitratos de Portugal, embora tivesse nos anos 60 a difícil missão de diretor de pessoal com os contactos inerentes com a polícia do regime, o que não o impediu de ter excelentes relações com os sindicalistas (como Caiano Pereira, fundador do Sindicato dos Escritórios).

No terceiro andar, onde eu nunca ia, viviam famílias que não conhecíamos, havia quartos alugados e era a casa do Guilherme, o miúdo mais bruto e feroz da rua e terror de todos nós, embora às vezes jogasse connosco à bola, assumindo a posição de guarda-redes. Mais velho, e talvez por isso dando-se ares de arruaceiro no convívio connosco, ainda me lembro de a mãe o chamar aos gritos, «Oh, Amadinho!» («Amado», na verdade, era o apelido da senhora sua mãe). Do Guilherme apanhei um ensaio de pancada, de que nunca me queixei a nenhum adulto, quando ele esperava impaciente para jogar bilhar e tirava as bolas da mesa onde eu e os meus amigos jogávamos. Respondi-lhe com uma tacada na barriga, apesar de já saber o que me aguardava à saída do Rialto.

No 23, primeiro esquerdo, em frente ao 16, vivia então a Naninhas, na mesma casa de onde tinha saído a Marieta depois de muitos anos de namoro com o Eduardo. Namoro também de janela a janela por gestos que só eles entendiam. Quando os avós de Montemor vinham a Lisboa, era aí que ficavam, tal como os tios e primos de Estremoz. Uma, duas vezes por ano.

No terceiro esquerdo tinha nascido o António Luís (ou Tó Luís), que, tal como o Ludgero, ainda hoje é um meu grande amigo — das brincadeiras na rua, das futeboladas, dos matrecoos, de andar atrás de namoradas, do ISCEF (Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras), do MES (Movimento de Esquerda Socialista)... Apesar de há quase setenta anos

discutirmos quando não estamos de acordo, e o mesmo acontece com o Ludgero — não deixando de ser amigos, às vezes acontece que não estamos na mesma onda. Mas estivemos sempre juntos nos piores e melhores momentos, sem concessões em nome da amizade.

Nunca quis seguir o exemplo de Eduardo-pai, que cortou relações para sempre com um amigo muito antigo, e muito chegado, por causa de uma estúpida discussão sobre as obras do Cinema Éden. E o de dois meus tios-avôs, que se zangaram de morte depois de uma altercação sobre se a música de um filme era ou não a *Internacional* — aconteceu isto vinte anos antes de o primeiro ter morrido, num almoço em casa do irmão de ambos.

Um grande amigo é alguém com quem se gosta de estar, de conversar, mesmo por telefone ou mensagem, e com quem fazemos por preservar esse hábito durante décadas e décadas, eliminando a distância entre a Gonçalves Crespo e Almoçageme. Na relação com um grande amigo, a competição entre pretensos «machos-alfa» cede lugar a fim de se cultivar gostos e sensibilidades próximos.

O Tó Luís é filho da D. Herculana e do Sr. Neto, que era proprietário e gerente de uma das mais famosas barbearias da Baixa — o Palácio Elegante. Banqueiros e outra gente do setor financeiro eram clientes. O TL ainda estudava em Económicas quando começou a trabalhar no BES e só mercê da sua competência foi subindo na hierarquia.

Na memória retenho também, ainda em referência ao número 23, a figura do sapateiro que vivia no rés do chão esquerdo e que de tempos a tempos era levado pela PIDE por ser comunista — o Sr. Dário. E finalmente o cantor de ópera, António Saraiva, que morava no segundo esquerdo, e a casa de prostitutas que funcionava no segundo direito.

## Os «Bonecos da Bola»

Nestes anos da minha infância, a década de 1950, todos os meninos colecionavam bonecos da bola. Saíam em rebuçados, que comprávamos num quiosque perto da Estefânia e abrangiam todas as equipas da 1.<sup>a</sup> Divisão. (Há que dizer que os rebuçados eram baratos, a condizer com a sua qualidade medíocre.) Fazíamos coleções nunca acabadas, porque faltava sempre «o boneco da bola». O felizardo que conseguisse completar tinha direito a uma verdadeira «bola de cauchu». Os nomes dos jogadores por baixo das fotos fizeram que, sem saber muito bem como, tenha começado a ler antes de ir para a escola.

Todos os anos, havia pelo menos uma coleção destes cromos. Andava sempre com eles no bolso, com os repetidos separados do molho principal, por vezes protegido por um elástico. Os repetidos eram «para a troca», e assim íamos avançando nas coleções nunca acabadas. Para ganhar ou perder bonecos arriscávamos uns contra os outros no «par ou ímpar» ou «na palmadinha», jogados nas escadas do 16. Escadas que eu descia a correr e a gritar «Gerop» para o Ludgero vir também para a rua, o que por vezes irritava a mãe dele. Até porque o salto para o patamar do rés do chão resultava num estrondo dos diabos.

Outras coleções de cromos faziam parte das nossas vidas. «Raças Humanas» e «Estrelas de Cinema» foram duas que me entusiasmarem, entre muitas outras. Pasmávamos com o africano com o prato dentro da boca aberta e com a beleza de algumas jovens atrizes sempre em trajes diminutos. E o ritual repetia-se: «Tens para a troca?» Quase no fim das coleções, quando a lista dos que faltavam era já pequena, havia uns senhores que vendiam os cromos avulsos, negociando-os nas escadinhas da Estação do Rossio.

Havia ainda as separatas com as fotografias a cores das grandes equipas, que saíam com as revistas ou os jornais. Recortando as caras e as camisolas do guarda-redes, de dois defesas, um médio

e dois avançados, jogávamos calicidas (como o nome indica, embalagens de medicamentos para os calos) com plasticina e mica, e formávamos equipas, com uma carga a fazer de bola e os dedos polegares e indicadores a construir balizas e os piparotes a fazerem avançar a equipa. Assim nos defrontávamos com emoção e gritaria à mistura. Se uma calicida batesse noutra adversária sem tocar na carga, era livre. Os guarda-redes eram sacados das tampas dos garrações e impressionavam pela cobertura das balizas que construíamos. Às vezes, o barulho nas escadas era tão forte, que a D. Francisca, matriarca dos Machado e avó do Fernando, abria a porta de casa e gritava uma frase que ainda agora utilizo, para perplexidade geral quando os miúdos fazem muita confusão: «Forem jogar calicidas para outra escada!»

## O segundo direito do n.º 23

Atrás referi de passagem a existência de uma casa de prostituição no n.º 23. Aliás, depois de os meus avós maternos terem largado o primeiro andar, aquando do casamento da Naninhas com o tio João Manuel, houve uma migração dessas profissionais também para esse andar. Na família agora rimo-nos com essa lembrança, mas a Naninhas muito sofria com aqueles que se enganavam no andar e lhe batiam à porta.

Também na rua, o desfile a partir do fim da tarde era quase contínuo, com os carros de alta, média e pequena cilindrada a pararem, os automobilistas a negociarem e elas muitas vezes a entrarem acompanhadas dos clientes. Da casa dos 20 à dos 60, havia para todos os gostos.

A Rua Gonçalves Crespo, a Conde Redondo e sobretudo a Luciano Cordeiro, um pouco mais abaixo, eram naquele tempo, e durante muitos mais anos, artérias da cidade que pareciam predestinadas e onde mais tarde floresceram boates e lojas de sexo.

## O ambiente diário

«Sr. António, está cheia!»

Logo de manhã, ouvia as varinas e as vendedoras de fruta. «Oh, viva da costa!», «Quem quer figos, quem quer almoçar?». Por volta das 9 horas, o Sr. Mário, ardina a quem encomendávamos *O Século*, apontava com precisão (sem nunca precisar de mais do que três tentativas) e enfiava o jornal tão ansiado pela janela do meu quarto. *O Século* vinha dobrado de tal forma, que parecia um bolo-rei, e a mestria e pontaria do Sr. Mário eram extraordinárias. Às vezes, eu ficava no quarto e esperava a entrada do jornal, e, qual guarda-redes, atirava-me para o apanhar no ar.

O meu pai trazia para casa o *Diário de Lisboa*, sentava-se no sofá, eu encavalitava-me por cima e líamos o jornal antes do jantar. E comentava as notícias sempre com grandes críticas ao salazarismo e preocupação com a Guerra Fria.

Ao sábado, comprávamos o *Cavaleiro Andante* e o *Mundo de Aventuras*; eu ia com a minha mãe à papelaria onde a D. Carlota, senhora bem pintada e de belos cabelos brancos, que eu adorava desde muito pequeno, nos vendia essas revistas. Era também aí que comprava os cromos e mais tarde as biografias dos jogadores de futebol. Quando o que procurávamos não havia na D. Carlota, íamos ao Fidalgo, já na parte de baixo do Conde Redondo, um senhor mais austero e que não nos dava muita confiança.

Os leiteiros vinham abastecer-nos à porta (e às vezes circulavam boatos tremendos sobre o que misturavam no leite); os pobres mais pobres vinham uma vez por semana para a esmola. E de quando em vez batia à porta o «estafeta», que trazia de Montemor queijo, bolos e outros géneros (sobretudo perus), o que era sempre uma alegria em nossa casa.

No quarteirão havia dois cafés importantes (a Açoreana, mais pastelaria que café) e a Estudantina (cujo nome derivava da existência próxima da Faculdade de Veterinária). Na parte do Conde



Redondo que mais frequentávamos havia também o Café Rialto, com bilhares, *snookers* e matrecos, onde, já pré-adolescentes, começámos a entrar e a ficar horas e horas. O Sr. António, velhote careca e simpático, tratava de nos arranjar sítio para os nossos jogos. E quando nos matraquilhos a bola teimava em não entrar ou batia na trave ou entrava e saía da baliza, todos gritávamos: «Sr. António, está cheia!»

### **Morte no parto**

«Lembro a minha mãe de cama, e ausente.»

Não recordo a minha mãe Marieta de barriga em 1953. Mas apercebi-me de que qualquer coisa de muito grave veio a acontecer em 1954. Nesse ano, um meu irmão não chegou a nascer. Pela revolta da minha mãe, compreendi mais tarde que o médico responsável não quis ir ao hospital para proceder à cesariana, que teria evitado o fatídico desenlace. Por isso, o meu irmão acabou por não nascer, vítima de enforcamento com o cordão umbilical.

Foi a primeira trágica notícia da minha vida. Com quatro anos, vi a Marieta num autêntico desespero durante meses, acusando o hospital e o médico de serem responsáveis por esta desgraça (e não, não se passou isto na Maternidade Alfredo da Costa). Já no Jardin d'Enfants du Lycée Français Charles Lepierre, lembro a minha mãe de cama, e ausente, e os almoços no segundo direito com muito amor dos nossos vizinhos Leonor, Lili e Maria João.

Dois anos depois, o meu irmão Paulo esteve à beira da morte quando perfazia um mês e meio de vida. A Marieta chorava pelas escadas abaixo, dizendo: «Já não respira. Que mal fiz eu a Deus para acontecer isto?» Chegou de táxi à urgência do Santa Maria e, segundo rezam as crónicas, a Dra. Maria de Lourdes Levy

salvou-o através da administração de oxigénio. Mas esteve internado entre a vida e a morte durante semanas. Ainda vejo o seu regresso a casa com o meu pai a acender todos os candeeiros de todas as salas. Estávamos em 1956. O Paulo tinha sofrido uma broncopneumonia dupla sufocante (foi este o diagnóstico à época). Lourdes Levy tornou-se uma grande figura da nossa família, a sua filha Leonor e o seu filho António encontraram-se comigo e com o meu irmão no Liceu Francês e até alguns dos meus netos se cruzaram com ambos. E ainda hoje mantemos um contacto amigo.

### **Autocarro para o Liceu**

«Era, como todos os autocarros ao serviço do Liceu, misto, dando azo a algumas paixonetas.»

Sobre o LFCL (Lycée Français Charles Lepierre) havemos de falar mais detalhadamente. Para já, recordo que, desde finais de 1953, ia no autocarro n.º 8, que parava em frente ao Rialto, para o Liceu. Voltava às 13 horas para almoçar em casa e regressava às 14h30, dando o dia letivo por concluído às cinco da tarde. Os meus pais trabalhavam com sujeição a horários e não tinham carro, o que era normal naquela época. O autocarro da Carris ao serviço do LFCL, e que fazia parte de uma frota de dez ou doze, era pois imprescindível.

Enquanto esperava pela chegada do transporte na paragem junto ao portão de uma fábrica de produtos farmacêuticos (a CIBA), jogava à bola com os trabalhadores, que se preparavam para entrar. Às vezes aparecia lá o Luís Espírito Santo, embora morasse mais longe, junto ao Liceu Camões, com o seu extraordinário pai, atleta recordista do salto em altura e antigo jogador do Benfica, com quem tinha acaloradas «discussões» sobre futebol. No autocarro 8 também ia o Salvador, nosso amigo

e também benfiquista, filho do ator e jogador Eugénio Salvador. Era, como todos os autocarros ao serviço do Liceu, misto, dando azo a algumas paixonetas inesquecíveis (que é feito de vocês, Cristina, Teresa e Conceição?). Até dos números de telefone delas (ainda com apenas cinco algarismos) me lembro.

## **Futeboladas**

«Tínhamos nove ou dez anos e éramos felizes.»

Quando chegava do Liceu e após, com o apoio da Marieta, concluir os trabalhos de casa, ou se não tivesse um teste no dia seguinte, era para o passeio da frente que me dirigia. De facto, a minha mãe foi essencial no meu percurso escolar, sobretudo enquanto frequentei a parte francesa do Charles Lepierre e até aos exames do segundo ano do liceu.

Todos os dias, quando chegava do trabalho, víamos em conjunto os TPC escritos e orais. Tanto para a minha mãe como para mim, quanto mais depressa desse por terminado esse dever, melhor, porque ela era a dona da casa e tinha ordens a dar, e eu queria ir para o passeio da rua jogar à bola, correr, estar com os amigos. Marieta marcou profundamente a minha pré-adolescência, e assim creio também que foi decisiva para a minha vida.

Depois do estudo, lá ia eu encontrar-me com o Ludgero, o Tó Luís, o Fernando e outros. Poucos carros passavam na rua, e o passeio, com pastas ou outras coisas a fazerem de postes das balizas, eram terrenos férteis para grandes futeboladas com bolas de trapos, bolas de praia ou qualquer outro tipo de esférico. Muitas vezes, jogávamos dois contra dois, e o Ludgero formava com o Tó Luís uma dupla terrível. Achávamos todos que éramos os maiores, pelo menos até ao dia em que tivemos a possibilidade de participar num torneio promovido pelo Sporting, na Rua

do Passadiço, e descobrimos as nossas grandes limitações. Muitos outros tinham muito mais força e mais técnica, e na maior parte das vezes perdíamos, embora contássemos com o Guilherme Amado Alberto como nosso guarda-redes.

E o que dizer das provas de atletismo que fazíamos no passeio da Gonçalves Crespo? Havia corridas de 100, 200 e 400 metros (à volta ao quarteirão), e até de 1500 metros (que perfazia quase quatro voltas). Nelas chegavam a participar cerca de dez «atletas» da nossa rua e das ruas paralelas e perpendiculares. Havia inclusive provas de salto em comprimento e triplo salto. E tudo era por nós gerido, cronometrado e medido.

Costumávamos passar em grande velocidade junto à Açoreana, no quarteirão da Gomes Freire, para alguma perplexidade dos clientes. Lembro-me do Mário Leonardo, imbatível nos 100 e 200 metros. E o suor que se misturava com algumas lágrimas de esforço nas corridas mais longas. Tudo isto sem batatada, sem prémios, só pelo gosto de competirmos uns com os outros e, sobretudo, cada um contra si próprio. Tínhamos nove ou dez anos e éramos felizes, realmente felizes.

### «Lá está, estás outra vez trombalazanas.»

Se é um facto que os meus pais utilizavam os transportes públicos, fosse o eléctrico ou o autocarro, para se deslocarem todos os dias — de segunda a sábado, já que a «semana inglesa» só apareceu mais tarde, nos anos 60 —, também é verdade que no n.º 16 e no n.º 23 os pais dos meus amigos tinham automóveis. O Sr. Neto tinha um *Volkswagen*, o Dr. Ludgero um *Simca*, e os Machado um *Citroën* verde, que só utilizavam nos fins de semana, porque durante os dias de trabalho andavam a pé para a oficina ou para as escolas que frequentavam. (O Isidoro deixou de ir para a escola depois da quarta classe — que fez com a ajuda

das explicações da minha avó Zefa —, o Fernando foi para uma escola técnica, enquanto o Tó Luís, o Ludgero e eu progredíamos nos liceus, eles no Camões, eu no Liceu Francês.)

O primeiro eletrodoméstico de grande porte que entrou na nossa casa foi o frigorífico. Teria eu oito ou mais anos. A seguir veio um gira-discos em móvel, de que já vos vou falar. E só depois, em 1965, estávamos já todos na Sant’Ana à Lapa, o *Volkswagen* azul do meu pai, que lhe custou tanto tempo nas prestações como na aprendizagem tardia para tirar a carta.

Antes, o máximo para mim era o relógio que dava badaladas de hora a hora e que enfureceu o meu pai aquando da sua compra, porque a corda não havia meio de funcionar. Nós só nos ríamos, a Naninhas, a Marieta e eu. Era com as doze badaladas desse relógio que subíamos a bancos da cozinha e comíamos as passas na meia-noite no fim de ano. E brindando com vinho do Porto, atirávamos sem problemas para a rua os pequenos copos que utilizávamos. Enquanto noutras janelas o barulho das panelas nos divertia.

Tínhamos um grande aparelho de rádio, que para mim era um mistério — havia um cão de pedra à sua frente, que durante os anos da minha infância, não teria eu nem três anos, pensei que era quem dizia as notícias — e que nos fazia companhia, a mim e à minha mãe, à hora do almoço. Os almoços eram regrados, e de luxo, se assim se pode dizer: à segunda, pescada cozida; às terças e quintas, bife com batatas fritas e ovo estrelado; à quarta, mioleira; e à sexta, bacalhau. (Por seu turno, a Marieta comia o que sobrava do jantar do dia anterior.) Fartava-me de rir quando, a propósito do almoço de quarta, ouvia a minha mãe ao telefone perguntar ao senhor do talho: «Senhor Lucas, tem miolos?»

Onde quer estivesse ou fosse, Eduardo impunha-se pela sua estatura. Alto (mais de um metro e oitenta), forte (chegou a pesar quase 110 quilos), afirmativo (as coisas para ele eram boas ou más, sem matizes), voz poderosa, gargalhada sentida, longa e impressionante. Era um conversador, um contador

de histórias, gostava de uma boa polémica. O Eduardo provocava e tinha enorme gosto numa boa e grande gargalhada. Em especial se conseguisse generalizá-la a quem o ouvia, alto e bom som ou a sussurrar. Lembro, porque desde sempre fui tímido, introspetivo, lacónico, que por vezes se irritava com a minha maneira de ser e estar. E dizia: «Lá está, estás outra vez trombalazanas.»

Admirador de elefantes e também de budas — havia sempre uma estatueta em casa —, imperava nele a sua veia de humorista. Um dia, contou-me a seguinte história: no jardim zoológico, o tratador do elefante estava desolado a chorar; perguntaram-lhe o que tinha acontecido, e este respondeu que o elefante havia morrido. «Era muito amigo dele, não era?» A resposta foi: «Não, mas tenho de enterrá-lo.»

Este fascínio por elefantes também me acompanhou. Recordo-me, na reserva do Sabi Sabi, na fronteira entre a África do Sul e Moçambique, depois de um nascer do Sol lindo, em que no jipe fomos descobrindo zebras, rinocerontes, leopardos, leões, de quase nos termos perdido em busca de um elefante, que conseguimos ver a uma distância segura. (Só os hipopótamos, que também pudemos observar, são mais perigosos que aqueles colossais paquidermes.)

Persistindo por mais uma geração, esse fascínio por elefantes levou a minha filha Rita a passar uma temporada na Tailândia, de onde nos enviou textos e fotos comoventes.

Pensador e escritor, Eduardo definia-se como autor e humorista. Grande contador de anedotas — chegados a quase adultos, começámos a usufruir do seu repertório de piadas picantes —, homem de família, onde era o natural «chefe», à mesa a tomar café ou um digestivo. Todos o adorávamos. E em especial os meus filhos ficavam fascinados pela dimensão intelectual, física e afetiva do avô.

Um dia, ainda na Gonçalves Crespo, éramos miúdos e brincávamos na rua, como todos os outros, e apareceu lá um

automobilista apalermado, jovem, que queria impressionar as garotas, a acelerar a fundo naquele quarteirão, a nossa sede. Pois o bom do Eduardo, quando chegou de elétrico, plantou-se no meio da rua, não deixando o carro passar, e gritando: «Seu estúpido, tenha cuidado, que há crianças aqui.» Recebeu uma grande ovação de quem estava à janela e de outros presentes.

Também recordo o dia em que o Sporting foi ganhar ao campo do Barreirense, em 1958, vencendo com um golo no último minuto. À saída do campo, eu ia ufano com a bandeira verde e branca a esvoaçar no vidro aberto da parte de trás do carro do tio Luís. Alguém me arrancou o símbolo do triunfo da mão e partiu o pau, um homem que estava à porta de um café junto com outros apoiantes do Barreirense. O meu pai pediu para pararmos e sozinho avançou para o grupo, dizendo: «Quem foi o covarde que partiu a bandeira ao meu filho?» Apesar do seu físico imponente, até um tanto intimidatório, a coisa podia ter corrido mal, tantos eram os que ali estavam. Mas correu bem. O «covarde» deu-lhe a bandeira partida, pediu desculpa e arrancámos para Lisboa...

O Eduardo acompanhou a minha vida política passo a passo. Pediu-me para lhe levar todos os recortes ou jornais que de mim falassem. Ele e Marieta foram viver para a Tapada do Mocho em 1978. Reformou-se muito cedo, exasperado por não ter sido promovido a diretor, como esperava e como era mais do que justo. Foi talvez o primeiro caso na família em que, devido à minha intervenção política, alguém era prejudicado por compartilhar o apelido. E não foi o último...

Mas também a doença do filho Paulo o empurrou para casa. Um dia, desfaleceu vítima de um acidente vascular cerebral em plena Baixa, e eu só soube quando regresssei dos Açores, onde me encontrava na minha função de ministro. Não deixou marcas esse momento em 1996. Dez anos depois, uma embolia em vésperas da alta pós-operatória ao colo do fémur levou-o para sempre.

# HISTÓRIAS DE UMA VIDA CHEIA QUE GUARDAM AS «FOLHAS DE ESPERANÇA» DE TODOS OS TEMPOS.

Ao longo do seu extenso percurso político, Eduardo Ferro Rodrigues foi secretário-geral do Partido Socialista, ministro em vários Governos e, mais recentemente, Presidente da Assembleia da República. Nestas memórias, descobrimos os episódios que marcaram a vida de um dos atores mais influentes dos últimos 50 anos da política portuguesa. Ler estas páginas é uma oportunidade de reviver o momento único da viragem para a democracia e uma parte importante da história do país.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 editoraobjectiva  
  penguinlivros

ISBN 9789897873584



9 789897 873584 >